

ISSN 2238-9113**ÁREA TEMÁTICA:**

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TRABALHO
- TECNOLOGIA

INCLUSÃO FEMININA NO FUTEBOL

Alysson Rafael Ribeiro de Pontes (alyssonrafaelpontes@hotmail.com)

Gabrielle Caroline Vardenski Costa (gabic_costa@hotmail.com)

Cláudia Moraes e Silva Pereira (claudiamoraesuepg@gmail.com)

Gabrielle Caroline Costa (gabic_costa@hotmail.com)

Alysson Rafael Ribeiro De Pontes (alyssonrafaelpontes@hotmail.com)

Claudia Moraes (claudiamoraesuepg@gmail.com)

RESUMO –

Tendo como base o projeto Escola da Bola que funciona na UEPG em parceria com o SESI , o qual abrange a modalidade do futsal, aqui iremos destacar a ausência de figuras femininas na prática, e a partir desta observação levantam-se prováveis motivos para este distanciamento, como: a falta da oportunidade da prática do futebol na infância das meninas, as diferenças impostas entre meninos e meninas pela sociedade , e ainda o preconceito que surge a partir das comparações físicas.

PALAVRAS-CHAVE – Inclusão. Feminina. Futebol.

Introdução

O projeto Escola da Bola tem como objetivo atender crianças no seu contra turno de aula oferecendo-lhes aulas práticas voltadas ao esporte, dando oportunidades para alguns se tornarem futuros atletas. É realizado um trabalho de iniciação esportiva e recreação em busca de novos talentos para o esporte ponta-grossense. O projeto acontece desde o ano de 2010 na Universidade Estadual de Ponta Grossa. As modalidades oferecidas às crianças e adolescentes da comunidade são: futsal, natação, basquete, vôlei, atletismo, ginástica rítmica, handebol, badminton, Tae Kwon Do, ciclismo, tênis de mesa, durante todos os dias da semana, o qual atende na faixa etária dos 4 aos 17 anos.

Na modalidade de futsal e natação é onde o projeto possui o maior número de inscritos. Observando esta realidade percebemos que a participação feminina no futsal é pequena. Em média há a participação de 40 meninos na modalidade. Em contrapartida as meninas inscritas no futsal são apenas quatro. A partir disso nos questionamos se a pouca participação de meninas no futsal deve-se ao fato de que este esporte carrega uma simbologia masculinizante na sociedade, ou se seria um problema referente à condução do projeto por parte dos coordenadores, professores, bolsistas e voluntários do projeto.

Para tentar solucionar esta questão, buscamos artigos de autores que trabalham com o futebol feminino no Brasil para fundamentar nosso trabalho e encontrar respostas para a dificuldade do trabalho com meninas no futsal.

Objetivos

O trabalho tem como objetivo compreender a pouca participação feminina na modalidade de futsal no Projeto de Extensão Escola do Esporte. Além disso, verificar se o contexto do futebol no Brasil relacionado à prática masculina e feminina influencia na baixa participação de mulheres no futebol nacional.

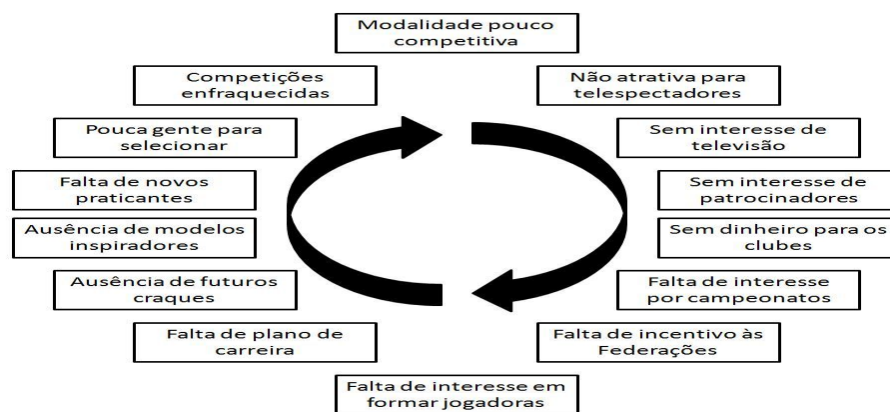
Referencial teórico-metodológico

O futebol no Brasil foi oficialmente introduzido por Charles Miller, brasileiro descendente de ingleses, nascido em São Paulo em 1874, foi estudar na Inglaterra e retornou em 1894, com duas bolas de futebol, dois uniformes completos, uma bomba de ar e uma agulha (RUIZ, 1998; NETTO, 2002).

Brunoro e Alif (1997 apud NETTO, 2002) reiteram que, na empreitada para introduzir o futebol no Brasil, Miller teve o auxílio de dois homens: o professor alemão Hans Noibiling, que fundou em São Paulo a Germânia, atualmente Pinheiros e do carioca Oscar Cox, que havia estudado na Suíça, cuja iniciativa possibilitou a introdução do futebol no Rio de Janeiro.

O futebol no Brasil se popularizou à medida que a prática tornava-se mais acessível a diferentes classes, faixas etárias e espaços disponíveis. Podemos considerar hoje o futebol brasileiro como uma paixão nacional. Infelizmente, esta constatação é referente apenas ao futebol masculino. As mulheres por muito tempo foram proibidas de participar da modalidade, o que faz com que esta relação qualitativa com o futebol seja mais voltada para a participação masculina do que feminina (GOELLNER, 2005).

Durante o Estado Novo o Brasil havia um decreto que impossibilitou a participação das mulheres em alguns esportes “14 de abril de 1941, as mulheres não se permitira a pratica de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos (CND) baixou as necessárias instruções as entidades desportivas do país.” (SILVA, 2012, p.1).



Círculo vicioso que representa em parte os problemas enfrentados pelo futebol feminino.

A inserção da mulher principalmente deu-se somente a partir de 1979, onde estas receberam oficialmente a permissão de participar de partidas de futebol. Porém era clara a dificuldade das mulheres em conquistarem seu espaço no meio esportivo, especificamente no futebol o qual foi um esporte culturalmente construído por homens. Segundo Souza Jr. e Darido (apud SANTOS et al, 2008), o principal empecilho para a prática do futebol feminino estava ligado mais ao discurso preconceituoso e estereotipado que foi transmitido ao longo do último século.

Quando nos voltamos a escola, percebemos que um dos esportes mais praticados em escolas públicas e privadas é o futebol/futsal. Com relação à procura de meninas por esse esporte é pouca, pois desde séculos passados os esportes eram dominados pela figura masculina, fazendo com que se criasse uma barreira social e cultural na inserção de mulheres no esporte, pois as mesmas eram tidas como uma figura vulgar no esporte, “só compareciam a eventos esportivos para prestigiar seus filhos e maridos” (ECOTEN; COSETI 2010).

Em algumas escolas podemos perceber que a minoria das meninas pratica o futebol na aula de educação física, porém são poucas incentivadas, para elas jogarem com meninos há uma grande barreira, os meninos não deixam elas participarem, os professores não incentivam e não estipulam tempo para que tanto meninas e meninos joguem futebol de igual maneira na aula de educação física.

Uma restrição de fácil observação se encontra no papel da mídia e na não transmissão dos jogos femininos.

Os meios de comunicação o veiculam muito pouco, enquanto que os homens aparecem quase todos os dias nos jornais, revistas e telejornais. Seus jogos são televisionados periodicamente, são até dois jogos dos campeonatos nacionais, estaduais e até internacionais durante a semana na TV aberta. Se falarmos das TVs por assinatura há inclusive a possibilidade de se comprar todos os jogos de um determinado campeonato. Enquanto que os jogos do campeonato Paulista de futebol feminino, Copa do Brasil feminina, por exemplo, ficam relegados aos horários de pouco ibope e às vezes televisionados por emissoras de menor expressão, pois as grandes não demonstram muito interesse em transmiti-los. (SARDINHA, 2011, p. 97).

Difícilmente os jogos, manchetes, grandes feitos por jogadoras de futebol são televisionados ou descritos em jornais e revistas. Campeonatos estaduais e municipais raras vezes são alvos de publicações. Excepcionalmente quando nos referimos à Marta, jogadora brasileira que ganhou vários títulos mundiais de melhor jogadora (SARDINHA, 2011).

A mídia acaba também estereotipando, e só mostra os jogos masculinos. A cada quatro anos assistimos a copa do mundo de futebol masculina, o seu belo espetáculo, os grandes feitos dos jogadores. Ao contrário da copa do mundo feminina que encerrou neste mês de julho, as mulheres só apareceram em pequenas reportagens de jornais e televisão.

Portanto, a partir disto, entende-se que a atitude de aceitar não só o futebol feminino, mas sim todas as modalidades praticadas por mulheres, não depende somente da mídia ou das entidades responsáveis pela organização de jogos e torneios, mas sim da sociedade como um todo, deixando de lado os preconceitos e atitudes negativas em relação à participação feminina no esporte.

Resultados

A partir do referencial teórico levantado, percebemos que a restrita participação feminina na modalidade de futebol/futsal deve-se a um processo histórico de dominação da figura masculina relacionada ao esporte. Tal processo é profundamente influenciável na prática do futsal por meninas no projeto Escola do Esporte.

Os prováveis motivos para o distanciamento entre meninas e futsal no projeto de extensão podem ser: a falta da oportunidade da prática do futebol na infância das meninas, as diferenças impostas entre meninos e meninas pela sociedade, e ainda o preconceito que surge a partir das comparações físicas.

Considerações Finais

A partir do trabalho exposto, consideramos que é possível através do Projeto Escola do Esporte modificar minimamente a realidade que presenciamos hoje. Primeiramente, apontamos a necessidade de uma capacitação em termos de gênero para os professores e acadêmicos que participam do projeto.

Em relação às medidas mais práticas e imediatas, acreditamos que para ocorrer uma participação mais frequente de meninas, é possível consolidar uma turma exclusiva de meninas para que as mesmas não se sintam impossibilitadas de praticar a modalidade e incentivar a iniciação esportiva com o objetivo de participar em jogos e campeonatos da cidade.

Referências

FREITAS, M. A. J.; KOCHINSKI A. E. S.; PEREIRA, M. C. Reflexão do futebol feminino: uma análise de opiniões das alunas do Colégio Estadual General Osório. In: CONEX, 12., 2014, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: UEPG, 2014.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. In: **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, p. 143- 151 26 jun. 2005. Disponível em: www.revistas.usp.br/rbefe/article/download/16590/18303. Acessado em: 02 jun 2015.

OLIVEIRA, C. S. de. **Mulheres em quadra: o futsal feminino fora do armário**. 2008, 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física – Licenciatura)- Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2008.

SARDINHA, Machado Esperança. A Estrutura do Futebol Feminino no Brasil. In: **Revista Hórus**. Ourinhos, v. 5, n. 1, jan-mar, 2011. Disponível em: <http://www.faeso.edu.br/horus/artigos%20anteriores/2011/A%20ESTRUTURA%20D%20FUTEBOL%20FEMININO%20NO%20BRASIL.pdf>. Acessado em 02 jun 2015.

SOUZA, M. M. de. **Futsal também é coisa de mulher: por que será que elas o praticam?**. 2011, 31f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física - Licenciatura)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

PUC-RIO, **A Historia do Futebol: Um Espelho da Historia do Brasil**, p.55. Disponível em: www.maxwell.vrac.puc-rio.br. Acessado em: 08 jun 2015.

CAVINATO, CESAR, **A Influencia da Regra no Futebol Feminino**, Disponível em: www.universidadedofutebol.com.br/coluna. Acessado em: 08 jun 2015.